

SONHOS E CONVIVÊNCIAS: UM ANO DE ACELERA II

Andrea Helena Petry Rahmeier¹

Michelle Rodrigues Nobrega²

RESUMO

A EMEF João Carlos von Hohendorff, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, atende da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em 2023, ocorreu uma edição do Projeto Acelera II. Esse tinha a finalidade de atender estudantes a partir de 15 anos, prioritariamente matriculados do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com histórico de multirrepetência. A iniciativa buscou corrigir a defasagem idade/ano por meio de metodologias diferenciadas que favoreceram a aprendizagem significativa, contextualizada e interdisciplinar, integrando saberes escolares e experiências de vida dos educandos. Esta experiência foi fundamentada nas concepções de Paulo Freire e nas ideias de Sandra Corazza sobre a “didática da criação” (que propõe romper com os clichês que antecedem a aula, abrindo espaço para experiências singulares, inventivas e transformadoras). Para atingir os objetivos se valorizou a diversidade e a participação ativa dos estudantes, pois o projeto propôs espaços educativos emancipatórios, democráticos e alinhados às demandas contemporâneas. Um destes espaços foi a sistemática da roda de conversa, momentos que abordamos atitudes, sonhos e formas de realizar estes. A turma iniciou suas atividades em março de 2023 com 4 estudantes, mas logo vieram mais. Ao longo do primeiro semestre, muitos foram se agregando e outros foram parando. Em agosto a turma tinha 25 estudantes e no fim do ano 16 estudantes se formaram. A turma teve diferentes estudantes que no transcorrer do ano tiveram que aprender a se respeitar e conviver, isto é, aprender a conviver com quem pensa diferente.

Palavras-chave: Aceleração, defasagem idade série, metodologias diferenciadas.

¹[1] Dra em História pela PUC/RS, professora da Rede Municipal de São Leopoldo desde 1994 e professora das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT, e-mail: andrearahmeier@faccat.br.

²[2] Dra em Educação pela UFPEL. Professora da Rede Municipal de São Leopoldo e vice-diretora da escola João Carlos Von Hohendorff, e-mail: michelle.nobrega@prof.edu.saoleopoldo.rs.gov.br.



INTRODUÇÃO

A educação, em sua dimensão social e emancipadora, constitui-se como um espaço de construção de identidades, de trocas e de produção de sentidos sobre o mundo. Nesse contexto, a superação das desigualdades educacionais e a valorização das trajetórias individuais de aprendizagem configuram-se como desafios fundamentais para uma escola pública democrática e comprometida com o direito à educação de todos. Em sintonia com essa perspectiva, a EMEF João Carlos von Hohendorff, localizada em São Leopoldo (RS), vem desenvolvendo ações pedagógicas voltadas à inclusão e à permanência escolar, dentre as quais se destaca o Projeto Acelera II, realizado ao longo do ano letivo de 2023, que foi idealizado e acompanhado de perto pela professora e vice-diretora Michelle Nobrega. A professora Andrea Rahmeier atuava 14 horas semanais e dividia a carga horária com outras três professoras (Inglês, Educação Física e robótica), estas com apenas 2 horas semanais com a turma.

Mais do que um programa de recuperação de aprendizagem, o projeto desenvolvido na escola constituiu-se num espaço de reencantamento com o aprender, onde o afeto e o diálogo tornam-se instrumentos pedagógicos tão importantes quanto os conteúdos. O objetivo não era apenas acelerar a trajetória escolar, mas reconstruir o sentido da escola como lugar de pertencimento, convivência e possibilidade. A justificativa da experiência está implícita na necessidade de responder às desigualdades educacionais que afetam adolescentes em situação de distanciamento ou desmotivação em relação à escola. O projeto buscou, portanto, oferecer um espaço formativo que unisse aceleração da aprendizagem e acolhimento subjetivo, reconhecendo a diversidade de percursos e de modos de aprender. Os resultados do Projeto Acelera II em 2023 mostram que a união entre rigor pedagógico e sensibilidade humana é possível quando o ensino se baseia na liberdade, na criação e na escrivência, evidenciando o potencial transformador da escola pública aberta ao diálogo, à invenção e à escuta dos estudantes.

Este relato está organizado em quatro seções: introdução, referencial teórico, metodologia que precisou ser constantemente repensada, pois isto, juntou-se com resultados e discussões e por último considerações finais.



REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto nasceu de um olhar atento às histórias de estudantes com defasagem idade/ano e histórico de multirrepetência, esse também propôs a reconstrução de percursos pessoais e escolares interrompidos. Os estudantes tinham uma diversidade de vivências, todavia, nenhum deles tinha laudo ou diagnóstico de deficiência intelectual. Uma outra característica era que na turma havia 1 pai e 2 mães, e no transcurso do ano, em função da proximidade que se criou entre a professora e os estudantes, soubemos de algumas meninas de histórias de abusos por familiares, algumas dessas já não conviviam com os mesmos, outra tomou coragem de contar o que estava acontecendo. Lembrando, que todos tinham menos de 18 anos. Então, o olhar para a turma tinha que ser inspirado nos fundamentos de Paulo Freire (2011), especialmente nas ideias de educação libertadora e de valorização da experiência de vida como ponto de partida do aprendizado, o Acelera II se propôs a criar um ambiente de confiança, diálogo e participação ativa. Tanto é que foi um espaço seguro para as meninas se sentirem acolhidas, algumas tiveram vivências tão complexas que não conseguiram permanecer.

As reflexões de Sandra Corazza (2012) acerca da “didática da criação” ofereceram suporte teórico para o desenvolvimento de práticas pedagógicas não convencionais, pois essas práticas não tinham dado certo com os estudantes que participaram desta edição do Acelera II. Então, foi necessário pensar fora do que se fazia sempre, foi necessário inventar, experimentar e reinventar, pois precisamos estar abertas à experimentação e à singularidade dos sujeitos, rompendo com os modelos tradicionais e pré-formatados de ensino, bem porque, o que sabemos hoje dos estudantes não sabíamos no início do projeto.

Nesse mesmo horizonte de valorização das experiências vividas, as ideias de Conceição Evaristo, especialmente o conceito de *escrevivências*, contribuíram para pensar o papel da narrativa e da expressão pessoal como formas de resistência e de construção de conhecimento. Assim como a autora compreende a escrita como um ato que nasce da vida e retorna a ela transformada, o desenvolvimento do projeto também se constituiu em um movimento contínuo de *planejar, viver, refletir, replanejar e viver*. Essa dinâmica cíclica, que entrelaça teoria e prática, faz com que metodologia e resultados não possam ser tratados de



forma dissociada: ambos emergem das experiências, das escutas e das reinvenções que ocorreram no cotidiano da sala de aula.

Os resultados observados ao longo de 2023 utilizando estes referenciais demonstraram avanços significativos tanto na aprendizagem quanto na convivência. O número de estudantes participantes cresceu ao longo do primeiro semestre, e, embora parte deles tenha deixado o grupo, dezesseis concluíram o percurso formativo com êxito, reafirmando a importância de iniciativas que ressignificam a relação com o saber e com a escola. O processo de convivência, por sua vez, revelou-se tão formativo quanto o aprendizado dos conteúdos: os estudantes aprenderam a respeitar diferenças, a lidar com conflitos e a valorizar o trabalho coletivo, além do essencial, aprenderam que são muito mais do que a escola ou os outros o definem.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho foi concebido com base em práticas interdisciplinares e contextuais, que valorizavam o diálogo e a escuta como eixos de construção do conhecimento. No entanto, a metodologia e os métodos foram sendo modificados ao longo do percurso. Inicialmente, uma certeza metodológica foi estabelecida, que não foi abandonada em momento algum, as rodas de conversa. Estas foram concebidas como o recurso central para a reflexão sobre sonhos e projetos de vida, de modo a permitir que os estudantes se percebessem como sujeitos capazes de transformar suas próprias histórias, bem como sobre o transcurso das atividades. Ainda que, em certos momentos, a ação parecesse não surtir efeito, em virtude da resistência encontrada, esta se manifestava, por exemplo, pela não verbalização no local. Além disso, foram promovidas atividades integradoras que articulam conteúdos curriculares com experiências concretas do cotidiano, fortalecendo vínculos e despertando o interesse pelo aprender. Tais atividades foram sendo construídas e reconstruídas constantemente. Sob a ótica de compreender a “[...] possibilidade humana de existir – forma acrescida de ser – mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje (Freire, 2001, p.10)





As etapas metodológicas do transcurso do ano de 2023 e os resultados da experiência são aqui apresentados de forma integrada, em um movimento narrativo que reflete o próprio processo vivido: entre o **planejar** com ações mais imediatas com acolhimento, escuta e reconstrução de vínculos; o **fazer** na tentativa de redescobrir o aprender; o **replanejar** com a

consolidação da autonomia e da confiança; e o **refazer** aprendendo com o outro e criando novas perspectivas.

Acolhimento, escuta e reconstrução de vínculos

O projeto, como já apresentado, se fundamentou nos princípios de acolhimento, escuta e reconstrução de vínculos, a partir de uma prática de liberdade, de criação e escrevivência de novas vivências e de novos aprendizados.

Inicialmente, a sala de aula precisava ser um ambiente de aprendizagem diferenciado, divergindo da estrutura convencional, onde as classes estão uma atrás da outra. A organização da sala de aula foi estabelecida de acordo com as estratégias implementadas. No entanto, é essencial que essas estratégias sejam constantemente avaliadas e reestruturadas, a fim de garantir que estejam alinhadas com as necessidades dos estudantes. Uma das certezas foi criar o canto da conversa coletiva, como já abordado. Este espaço precisa ser dinâmico, mas ao mesmo tempo, precisava desacomodar, pois estaria abordando sobre a vida e os conteúdos mais sensíveis. Portanto, durante a primeira semana do projeto, cada estudante personalizou tecidos para a confecção de uma almofada. Estas eram guardadas num armário e quando necessário, eram distribuídas para a criação de uma roda de conversa³, com o objetivo de promover uma abordagem mais sensível. Inicialmente, a confecção das almofadas foi tratada com deboche por alguns estudantes, mas se seguiu mesmo assim e este foi um dos primeiros assuntos abordados na roda de conversa.

Os dois primeiros meses, março e abril, foram marcados por uma tentativa de criar vínculos e que os estudantes se reconhecem como sujeitos com futuro. Todavia, este período foi marcado por encontros, olhares tímidos, inseguranças, risos de nervosismo e histórias interrompidas. Grande parte dos discentes apresentava-se receosa, portando recordações de insucessos e vivências escolares desanimadoras. O primeiro desafio enfrentado foi reconstruir

³ A roda de conversa é concebida enquanto tática metodológica de construção de uma educação libertadora. O que chamamos de roda de conversa, condiz a práxis da construção do círculo de cultura na perspectiva freireana.





a confiança, fazendo com que cada aluno se reconhecesse como um indivíduo importante, pois esses estudantes haviam enfrentado inúmeros momentos de fracasso, vinham de turmas diferentes e de contextos familiares muito diversos. O que poderia unir todos os participantes?

A característica de serem estudantes com histórico de multirrepetência constitui um aspecto relevante para a análise. Os estudantes que contavam com algum suporte familiar, mesmo que fosse de somente um dos membros da família, demonstraram maior capacidade de adaptação e progresso, em comparação com aqueles que não recebiam auxílio em seus domicílios.

As primeiras semanas foram dedicadas ao acolhimento e à ambientação, com dinâmicas de integração, conversas sobre expectativas e atividades de autoconhecimento e de identificação da defasagem de cada um. Paralelamente, iniciou-se a familiarização com o uso dos Chromebooks, tanto que em todas as aulas havia quatro à disposição dos alunos e o uso do dispositivo era agendado para cada um deles em diversas outras ocasiões. A investigação das habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo foi outra constante neste período, demonstrando a importância da implementação de estratégias que promovam o desenvolvimento dessas competências. Foi realizada uma tentativa de organização do trabalho em estações de atividades. Inicialmente, cada estação foi designada para um aluno que apresentava mais facilidade e três alunos que apresentavam mais dificuldades. No entanto, a infrequência dos eventos dificultava a criação de uma rotina. Frequentemente, questionava-se sobre estratégias para envolver os estudantes de forma mais significativa. No entanto, acreditava-se que seria possível identificar formas de alcançar esse público e transformar a realidade.

Uma certeza diária, replanejar no meio do turno todas as atividades, ou rever a forma de executar a atividade. Foi observado que as estações não eram suficientes para abranger todos os dias da semana. Diante disso, a organização da sala em círculo foi implementada, contudo, tal estratégia também dependia do dia e dos estudantes que estavam em aula, tornando-se, assim, imprevisível. Conforme transcorria o tempo, alguns estudantes demonstraram maior envolvimento, tornando-se mais à vontade e compartilhando um pouco de suas histórias. Inicialmente, as rodas de conversa eram percebidas como desprovidas de sentido e como um espaço não educativo, uma vez que eram aguardadas aulas tradicionais. Foi imprescindível estabelecer um diálogo contínuo e uma escuta atenciosa, além de confiar





no método aplicado. Durante os dois primeiros meses, o número de atividades que não surtiram os efeitos desejados superou o de acertos. No entanto, esse intervalo de tempo foi fundamental para estabelecer um vínculo com os estudantes e compreender suas necessidades e expectativas.

No final do mês de abril, após uma nova tentativa, não se observava grande expectativa, uma vez que muitos outros estudantes da referida faixa etária, com mais de 15 anos, já teriam vivenciado o evento. Ademais, poderia ser considerado desinteressante, especialmente pelos meninos, que nunca haviam participado, e também poderia ser interpretado como sem sentido. A atividade prática foi organizada da seguinte maneira: os participantes foram divididos em dois grupos, cada um responsável pela execução de uma receita de bolo. Para a realização da atividade, os discentes precisaram seguir as receitas, medir e pesar os ingredientes, além de fazer anotações. Os participantes foram organizados em grupos por livre escolha, resultando em um grupo de meninas e outro de meninos. Durante a realização, foi possível observar que esses estudantes frequentemente foram negligenciados ou receberam um estigma, sugerindo que não possuíam as habilidades necessárias para realizar tal tarefa de forma autônoma. A experiência em questão produziu um impacto significativo nos estudantes, sendo amplamente recordada ao longo do ano por meio de múltiplas vivências. Um dos temas mais recorrentes entre os discentes foi o bolo dos meninos, pois estes se esqueceram de adicionar açúcar. O interessante foi que um dos meninos disse que tinha experiência em fazer bolo e ainda era o aluno com mais facilidade, tanto que não seguiram a receita com tanto cuidado. Diante da ausência de açúcar em um dos bolos, foi necessário encontrar uma solução para a situação. As meninas auxiliaram dando a ideia de fazerem uma cobertura bem doce. Posteriormente, a diretora foi convidada a participar do momento de experimentação dos dois bolos, utilizando a metodologia da nossa famosa roda. Os dois bolos apresentaram problemas na execução, contudo, permaneceram comestíveis. Durante o período em que os bolos eram assados, os discentes foram orientados a registrar suas experiências vivenciadas naquele dia.

A implementação de atividades pedagógicas diversificadas constitui um elemento crucial para a transformação da conduta dos discentes. Neste dia, muitos compreenderam que a escola pode, de fato, constituir-se como um ambiente de confiança e desenvolvimento. A





ausência de açúcar no bolo propiciou que as meninas demonstrassem seu conhecimento e fossem ouvidas pelos meninos. Os meninos experimentaram um sentimento de capacidade para contribuir com a alimentação. Foi então que se constatou a possibilidade de vivenciar e adquirir novos conhecimentos, visto que, posteriormente, foram retomados exercícios destinados à mensuração de diversos ingredientes alimentares.

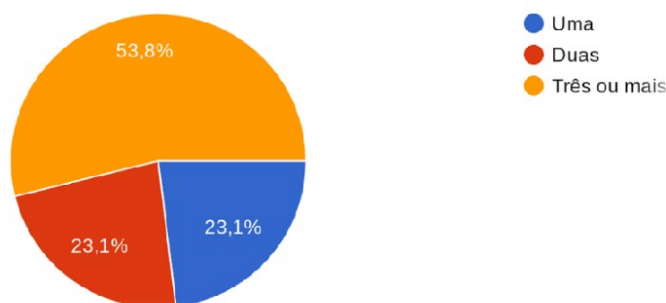
A redescoberta do aprender

Com o vínculo estabelecido, iniciou-se um período de imersão nas práticas de cálculo, leitura e escrita, ampliando o repertório dos estudantes e sua capacidade de interpretar o mundo ao redor. Logo se percebeu que as dificuldades de aprendizagem não estavam apenas na decodificação das palavras, mas na compreensão dos enunciados e na insegurança em se expressar. Inspirada em Paulo Freire (2011), a prática pedagógica passou a valorizar a palavra como meio de libertação e construção de sentido. As atividades foram organizadas de forma contextualizada, relacionando conteúdos ao cotidiano dos estudantes. Surgiram reflexões sobre a comunidade, o trabalho, as relações familiares e os sonhos para o futuro. O aprendizado se torna significativo quando dialoga com a vida e já existe o vínculo.

Gráfico 1

Quantas vezes você reprovou?

13 respostas



Fonte: Pesquisa dos estudantes com eles mesmos.

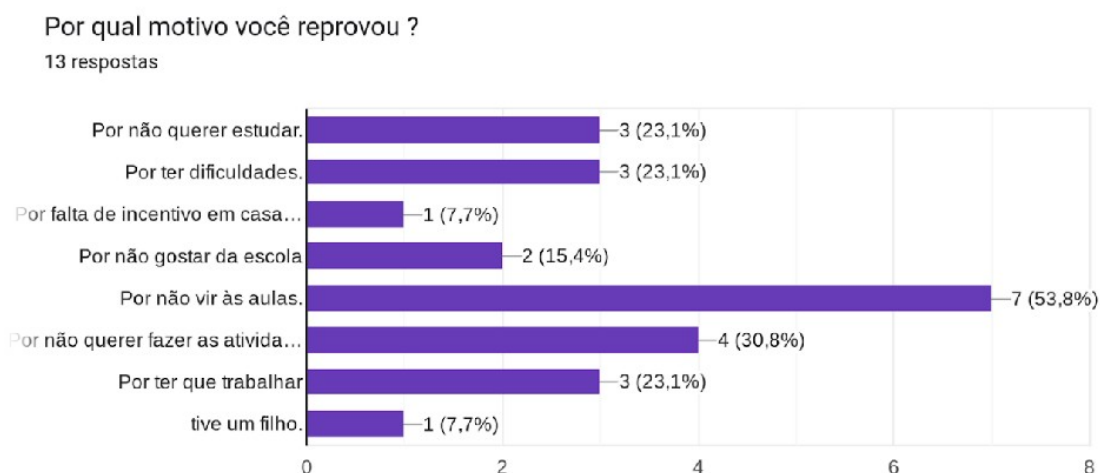




Neste momento, iniciamos o debate sobre a criação de um projeto de pesquisa. Depois de muito debate, ficou definido que a pergunta seria: Por que reprovamos? Os estudantes manifestavam o desejo de compreender os motivos pelos quais reprovaram, discutir sobre a reprovação e contribuir para que outros não a experimentem. Os discentes elaboraram suas hipóteses e aplicaram um questionário na própria turma. Este deu origem a dois gráficos. O Gráfico 1, são apresentados os dados referentes à reprovação, já o Gráfico 2 expõe os motivos

de reprovação, segundo a visão de cada indivíduo. Ao analisar os dados percebeu-se que 53% dos estudantes do Acelera II reprovaram três vezes ou mais. Mais da metade dos participantes do estudo relatou ter sido reprovada devido à infrequência (53%), enquanto 30% não executaram as tarefas solicitadas.

Gráfico 2



Fonte: Pesquisa dos estudantes com eles mesmos.

Ao se analisar os anos em que os estudantes foram reprovados, foi possível constatar que 38% deles reprovaram no quarto e no oitavo anos. Ao refletirmos sobre os sentimentos suscitados pelas reprovações, os estudantes relataram que a maioria experimentou sensações de decepção e fracasso, entre outras emoções negativas. Inicialmente, o tema apresentou uma





complexidade intrínseca que demandou uma análise cuidadosa. No entanto, foi possível observar que o processo resultou em autocura e protagonismo das histórias pessoais. Diante do exposto, buscou-se embasamento teórico acerca do tema. Inicialmente, os estudantes leram quatro histórias do livro de Maria Helena de Souza Patto (2022). Depois analisamos o texto: O que é o fracasso escolar (RODRIGUEZ, 2020). Ademais, foram entrevistados dois professores da Secretaria de Educação da época, que estudaram esta temática. Também foi solicitada a apresentação de dados do município sobre reprovação e sobre outras escolas que possuíam o mesmo projeto que o objeto deste estudo.

Durante o período em questão, emergiram lideranças positivas no seio do grupo. Estudantes que anteriormente se mostravam retraídos passaram a oferecer suporte aos colegas, fortalecendo o senso de cooperação entre os indivíduos. O ambiente da sala de aula foi estabelecido como um espaço de pertencimento, diálogo e troca, no qual todos os participantes tinham voz e vez, mesmo diante de um histórico de reprovação múltipla.

Consolidação da autonomia e da confiança

O segundo semestre trouxe novos desafios e conquistas. O retorno das férias e a caminhada na construção do projeto de pesquisa possibilitou mudanças, e o grupo mostrou-se mais seguro, mais participativo e consciente de suas responsabilidades. Neste contexto, participamos da Feira de Iniciação Científica da Escola Hohendorff - FICH. Na Feira, 6 estudantes participaram apresentando o trabalho, 3 vieram pela manhã e outros 3 pela tarde. Para a apresentação, todos os estudantes treinaram, tanto é que apresentaram suas falas com desenvoltura. Nesta atividade, aconteceu o que poucos acreditaram, o trabalho da turma foi eleito o melhor da sua categoria, e com isto seguiu para a mostra do município representando a escola na modalidade dos anos finais.

O projeto, como foi encaminhado para Mostra Municipal, continuou sendo tema das aulas, para aprofundar mais no assunto, e coincidiu que em 27 de agosto de 2023, Letícia Mendes (2023) produziu uma reportagem sobre jovens que cumprem medidas socioeducativas. De acordo com os dados apresentados pela jornalista, foi possível constatar que 85,1% desses jovens tinham defasagem de dois anos ou mais. O texto em questão foi objeto de análise em sala de aula, de discussão em grupo e de redação, com o propósito de





fomentar a reflexão de cada estudante. Ademais, foi incorporado à fala na Mostra de Tecnologia e Inovação com Ciências (MOTIC), realizada em São Leopoldo. Os dados apresentados na reportagem fizeram alguns pensar nas suas ações. Em 12 de setembro, 3 estudantes do Acelera II foram apresentar o trabalho na mostra. No entanto, o grupo não foi selecionado para participar da MOSTRATEC, que é a maior mostra de Iniciação Científica do nosso estado do Rio Grande do Sul.

O aprendizado, até aquele momento, serviu para que os estudantes percebessem que têm protagonismo e que podem ter mais autonomia em seu processo de aprendizagem. A produção textual, a leitura compartilhada e os debates coletivos foram momentos de aprendizagem

significativos. Ademais, foi o período de maior envolvimento com projetos interdisciplinares, que permitiram integrar conhecimentos e fortalecer a autoconfiança. A observação diária demonstrou mudanças sutis, porém significativas, tais como o aumento da frequência, o cuidado com o material escolar, o interesse em compreender melhor os conteúdos e o desejo de ser reconhecido pelo esforço. O Acelera II revelou-se, cada vez mais, um projeto de reconstrução da autoestima e de redescoberta da capacidade de aprender.

Aprendendo com o outro e criando novas perspectivas

No último trimestre, o grupo demonstrou um alto grau de maturidade coletiva. As relações entre os estudantes demonstraram uma evolução significativa, tornando-se mais empáticas e colaborativas. Auxiliar um colega, explicar um conteúdo e compartilhar experiências passou a ser uma atitude espontânea. A aprendizagem entre pares tornou-se uma prática cotidiana. Os discentes compreenderam que o conhecimento não é algo individual, mas sim fruto da convivência, do diálogo e da escuta. As aulas passaram a ser mais leves e significativas, e a sala de aula se consolidou como um espaço de convivência afetiva e intelectual. As discussões acerca de temáticas sociais, culturais e éticas estimularam o pensamento crítico e reforçaram a ideia de que a instituição escolar é um ambiente no qual se aprende a pensar, a sentir e a conviver.

Os resultados alcançados foram mensuráveis, evidenciados por melhorias na frequência, aumento no engajamento, ampliação das habilidades de leitura e escrita e





fortalecimento dos vínculos afetivos. O Acelera II demonstrou que a aprendizagem floresce quando há escuta, constância e afeto. O término não representou apenas o encerramento de um ciclo, mas o início de novas possibilidades, visto que uma das preocupações foi garantir que esses estudantes realizassem todas as buscas que os demais estudantes que estavam finalizando o ensino fundamental realizavam. Diante do exposto, cada discente compreendeu que não se diferencia dos demais e que tem a capacidade de continuar aprendendo tanto no ambiente escolar quanto no ambiente extraescolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da caminhada, a turma foi tecendo sua própria história feita de tropeços e recomeços. Do grupo que iniciou o Acelera II, permaneceram quatro meninas corajosas, que seguiram adiante mesmo quando o caminho parecia cansar. Outros com esforço silencioso, enfrentaram suas dificuldades pessoais e encontraram no aprendizado pequenas vitórias cotidianas, entre elas o menino que já era pai. Alguns, apesar de grandes facilidades, por não se dedicarem tanto, atingiram os objetivos, mas poderiam ter ido muito mais longe, precisavam mais tempo para estruturas suas fragilidades. E houve ainda aqueles que carregaram dores e desafios emocionais tão profundos que precisaram interromper a jornada, infelizmente duas mães estavam entre estes, por causa das mais variadas motivos. Cada um, à sua maneira, deixou marcas e ensinamentos, compondo um retrato coletivo de persistência, fragilidade e esperança. Uma turma que, mesmo entre ausências e presenças, fez da convivência e do gesto de continuar uma forma bonita de existir dentro da escola.

A experiência do Projeto Acelera II na EMEF João Carlos von Hohendorff demonstrou que é possível conjugar rigor pedagógico e sensibilidade humana, quando o ensino é pensado como prática de liberdade e criação. Ao articular teoria e prática, o projeto reafirma que a escola pública tem potência para transformar realidades, desde que se abra ao diálogo, à invenção e à escuta dos sujeitos que a compõem. Encerrar o ano de 2023 foi um exercício de gratidão e reflexão. Ao revisitar o percurso, o grupo reconheceu o seu avanço,





não apenas em termos de conteúdos escolares, mas também em atitudes, autoestima e visão de futuro. O projeto foi concluído, reafirmando que educar constitui um ato de amor e esperança, e que o verdadeiro sucesso está em possibilitar que cada estudante se veja como um sujeito capaz, digno e sonhador.

O Projeto Acelera II reafirma a importância de políticas públicas educacionais comprometidas com o direito de aprender, com a equidade e com o respeito às singularidades de cada estudante. No ano de 2023, foi possível observar que o sucesso no âmbito escolar está intrinsecamente ligado à construção de vínculos interpessoais, à valorização das diferenças e à criação de ambientes de convivência que estimulem o desejo de continuar aprendendo. O programa pedagógico denominado "Acelera II", implementado na EMEF João Carlos von

Hohendorff, representou uma oportunidade ímpar para demonstrar a capacidade transformadora da educação quando aplicada com sensibilidade, presença e compromisso.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Maria. Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez/ IPF, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MENDES, Letícia. Oito em cada dez adolescentes cumprindo medida socioeducativa no RS têm atraso escolar. *GZH*, Porto Alegre, 27 ago. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/08/oito-em-cada-dez-adolescentes-cumprindo-medida-socioeducativa-no-rs-tem-atraso-escolar-cllrjpur00lm0159b16jdcbn.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de; SAMPAIO, Julian Casimiro de Camargo; SILVA, Olivia Aparecida. Entre e para além da literatura: um estudo da noção “escrivência”, de Conceição Evaristo. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 166-194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 20 out. 2025.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022, p. 460 a 540 e p. 618 a 642.





RODRÍGUEZ, Nerea Babarro. O que é o fracasso escolar: causas, tipos e consequências. *Psicologia-Online*, [s. l.], 15 jan. 2020. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/o-que-e-o-fracasso-escolar-causas-tipos-e-consequencias-285.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

UNICEF; INSTITUTO CLARO. Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e a desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro. *Comunicado de imprensa*, Brasília, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>. Acesso em: 16 out. 2025.

